



**IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:  
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS  
V SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS  
IV CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

**EIXO: FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL**

**OFENSIVA NEOCONSERVADORA OU NEOFACISMO? O  
SIGNIFICADO DA ASCENSÃO DE BOLSONARO**

Samara Santos Souza Maranhão<sup>1</sup>

Alan Farley Prates Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo traz uma reflexão acerca da conjuntura brasileira após a ascensão da extrema direita e a eleição de Jair Bolsonaro ao cargo máximo do executivo. Busca discutir as determinações que levaram ao ascenso da extrema direita, compreendendo que Bolsonaro não é um fenômeno isolado, trata-se do resultado de um determinado modo de sociabilidade. Por fim, buscaremos desvendar no atual cenário social, político e econômico a díade do neofascismo e neoconservadorismo, que se alastrou pelo país.

**PALAVRAS CHAVE:** Bolsonarismo, extrema direita, neofascismo, neoconservadorismo.

**ABSTRACT**

This article reflects on the Brazilian conjuncture after the rise of the extreme right and the election of Jair Bolsonaro to the top executive position. It seeks to discuss the determinations that led to the rise of the extreme right, understanding that Bolsonaro is not an isolated phenomenon, it is the result of a certain mode of sociability. Finally, we will seek to unravel in the current social, political and economic scenario the dyad of neofascism and neoconservatism, which has spread across the country.

**KEYWORDS:** Bolsonarism, extreme right, neofascism, neoconservatism.

**INTRODUÇÃO**

São tempos sombrios. Em meio a pandemia de covid-19 que já ceifou mais de seiscentas mil vidas, o Brasil é governado por um neofacista de extrema direita, que lidera um projeto de

---

<sup>1</sup> Mulher negra, Assistente Social, trabalhadora do SUS. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Mestrado). Bacharel em Serviço Social pela Universidade Guarulhos. E-mail: samarasantos.ung@gmail.com

<sup>2</sup> Assistente Social. Aluno do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Mestrado). Bacharel em Serviço Social na Faculdade Santo Agostinho. E-mail: alanfarleyp@gmail.com



destruição das poucas conquistas civilizatórias dos últimos anos. Um projeto de aprofundamento de políticas ultraneoliberais, desmonte das políticas públicas, austeridade fiscal e implementação de contrarreformas que tem reconduzido milhares de brasileiros e brasileiras a situação de pobreza e extrema pobreza.<sup>3</sup>

Com a alta da inflação os preços dos alimentos dispararam e cenas de pessoas recolhendo ossos e carcaças de animais das caçambas de açougues e supermercados passaram a ser comuns.<sup>4</sup>

A situação é agravada pela pandemia de covid-19 que, diante da omissão, negacionismo, irresponsabilidade e casos de corrupção do genocida que ocupa a cadeira da Presidência da República, seiscentas mil vidas já foram ceifadas. A Comissão parlamentar de inquérito, que encerrou seus trabalhos em outubro/2021, descortinou ao povo brasileiro a maneira criminosa como a pandemia foi conduzida o país, onde, além de casos de corrupção na aquisição das vacinas, fora instaurado um gabinete paralelo ao Ministério da Saúde para implementação de ações como o desenvolvimento de um protocolo do chamado “tratamento precoce”, que consiste no uso “preventivo” de medicações sem eficácia comprovada no tratamento de covid-19 e a perversa imunidade de rebanho, que é a defesa da contaminação em massa para que a população se torne imune a doença.

Ao contrário do que justifica o governo e seus cabos eleitorais, o cenário de barbárie não se restringe ao período pandêmico. A pandemia de covid-19 agudizou questões que já estavam postas no cenário brasileiro, mas que se tornaram muito mais profundos mediante uma conjuntura de desmonte das políticas sociais, implementação de medidas ultraneoliberais e sob um governo negacionista com aspirações genocidas.

Todavia, o governo Bolsonaro não é um elemento descolado da história. A conjuntura é produto de uma construção histórica e do modo de sociabilidade burguesa. Nas próximas páginas, realizaremos um resgate da história recente do Brasil, com o objetivo de compreender os processos que tornaram possíveis a ascensão da extrema direita no Brasil e refletir de que forma podemos definir o governo Bolsonaro.

## 1. COMO NASCE UM BOLSONARO?

O ano é 2013 e após a implementação de medidas de austeridade fiscal, seguindo os ditames do capital internacional, o governo Dilma sofre uma queda de popularidade. Inicia-

---

<sup>3</sup> O índice de Gini demonstra que, a desigualdade que já havia aumentado de 0,6003 para 0,6279 entre os quartos trimestres de 2014 e 2019, saltou na pandemia, atingindo 0,640 no segundo trimestre de 2021. Ver <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-09/fgv-mais-pobres-sofrem-maior-impacto-na-pandemia#:~:text=Na%20metade%20mais%20pobre%20da,renda%20da%20metade%20mais%20pobre.>

<sup>4</sup> Ver <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/07/16/fila-acougue-cuiaba-doacoes-ossos.htm>.



se um levante popular, que em um primeiro momento trazia pautas populares e demandas da população, mas que, mais tarde, seria cooptado pela direita através dos movimentos vem pra rua e Brasil livre. As referidas manifestações se arrastam até 2016, com a narrativa de uma luta anti sistêmica e moralizante, que abriu caminho para um antipetismo de direita e culminou no golpe de 2016 contra a presidenta Dilma Rousseff. ABRAMIDES (2021, pág. 26).

Após treze anos de governos petistas, fruto da conciliação do inconciliável, o PT sofre um golpe, orquestrado pelas elites burguesas, pela classe política conservadora e pelo judiciário brasileiro, em um grande acordo nacional, com o supremo, com tudo<sup>5</sup>. No dia 31 de agosto de 2016 Dilma sofre um golpe, após uma longa sessão de votos, onde o parlamento mais reacionário dos últimos cinquenta anos<sup>6</sup>, dedicou seus votos a família, a pátria e a Deus. Eduardo Cunha, então presidente da Câmara dos Deputados inicia sua fala com a frase “Que Deus tenha misericórdia desta nação”. O capitão reformado Jair Bolsonaro, até então, um deputado sem relevância no congresso nacional, coloca-se a favor do golpe através da seguinte declaração:

“Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos dessa casa. Parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo exército e pelas forças armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, meu voto é sim.”

Na votação, o clima era de saudosismo à ditadura militar, defesa da família tradicional e de valores conservadores e combate a uma esquizofrênica ameaça comunista.

Michel Temer assume a presidência da república de maneira ilegítima, com a missão de implementar o ajuste fiscal e aprofundar as medidas ultraneoliberais que não foram aprofundadas nos governos Dilma Rousseff. Em um ano e meio de governo, Temer implanta a chamada ponte para o futuro, que na prática, significava o futuro para o capital e o abismo para os trabalhadores. Com a implementação da contrarreforma trabalhista, a flexibilização da terceirização e a EC 95, que congela os investimentos das áreas sociais, o governo Temer protagoniza a destruição brutal dos direitos da classe trabalhadora<sup>7</sup>.

“Essa nova forma de golpe de Estado, seguramente concebido pelo serviço de inteligência de algum departamento de um Estado imperialista, elege modelos de perseguição jurídica lawfare (literalmente guerra jurídica), com apoio de mídias e a cooptação de setores reacionários do judiciário e do legislativo para desestabilizar governos socialdemocratas. Aliado a isso e como consequência da aliança de classe implementada pela socialdemocracia-tardia – que subsume o movimento dos

<sup>5</sup> Em alusão à fala de Romero Jucá, em gravação vazada em maio de 2016.

<sup>6</sup> Ver ABRAMIDES (2019, pág. 185).

<sup>7</sup> Idem (pág. 197).



trabalhadores aos interesses da burguesia e finda por desabilitar e frear a mobilização das massas e atrelar os sindicatos e suas centrais aos interesses do capital – temos objetivamente o desarme da classe diante da ofensiva neoliberal. MAZZEO (2021, pág. 18)

A continuidade do golpe de 2016 se dá com a prisão política de Lula da Silva, às vésperas das eleições de 2018, em que o petista liderava as pesquisas de intenções de voto. Decretada pelo Juiz Sérgio Moro, o ex-presidente Lula é condenado há nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de lavagem de dinheiro e corrupção passiva na ação penal envolvendo um triplex no Guarujá. Lula teve seus direitos políticos suspensos, foi retirado das eleições de 2018 e permaneceu preso por 580 dias. O juiz Sérgio Moro, (que mais tarde seria nomeado ministro da justiça do governo Bolsonaro) e o Procurador da República Delton Dallagnol, foram as “estrelas” da Lava Jato e protagonistas do lavajatismo no Brasil.

“O lavajatismo significa populismo do judiciário, justiça militante, justiça do inimigo, processo penal do espetáculo, justiça moralista, justiça criminalizadora da política, justiça messiânica, justiça punitivista. Tudo isso é lavajatismo. É a destruição do tecido político.”<sup>8</sup>

O lavajatismo transforma o judiciário em um lugar de militância política, descortinando a parcialidade da justiça burguesa. Em 2020, uma série de reportagens da The Intercept, revelou a todo país o esforço da operação, com destaque ao Juiz Sérgio Moro<sup>9</sup>, pela condenação e prisão de Lula da Silva.<sup>10</sup>

Mesmo diante de um golpe, da implementação de políticas de austeridade fiscal e da prisão política do candidato que estava a frente de todas as pesquisas de intenções de voto, a classe trabalhadora foi incapaz de reagir. Essa desmobilização é resultante de um processo de apassivamento das forças proletárias, encampado pelos próprios governos petistas e seu pacto de classes.

“Exatamente essa debilidade das forças proletárias e populares possibilitou a armação da farsa jurídica contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, as montagens de processos espúrios, baseados em argumentos frágeis e nitidamente fantasiosos de corrupção e de desvio de dinheiro público, sem provas robustas, que se fundamentaram apenas em delações”. MAZZEO (2021, pág. 19)

Essas manobras político-jurídicas foram o golpe final para o ascenso de Bolsonaro nas eleições de 2018. Após um processo eleitoral conturbado, atravessado por disparos de fake News pelo aplicativo WhatsApp e por um atentado promovido por Adélio Bispo ao então candidato, Jair Bolsonaro é eleito Presidente do Brasil no pleito que disputou com Fernando Haddad (PT).

<sup>8</sup> Ver SOLANO (2021).

<sup>9</sup> Sérgio Moro, que após a condenação política de Lula da Silva tornou-se Ministro da Justiça do governo Bolsonaro, hoje faz “campanha antecipada” para a Presidência da República.

<sup>10</sup> Ver [As mensagens secretas da Lava Jato \(theintercept.com\)](https://theintercept.com).



“Bolsonaro, alavancado a representante das frações burguesas – dentre elas, o agronegócio, o capital financeiro, nacional e internacional, os industriais e os comerciantes – assumia a representação de classe em moldes de um personagem que encarnava interesses e aspirações golpistas da burguesia interna, que se via diante da necessidade de recompor seu bloco político, no âmbito da crise econômica e da própria reorganização da divisão internacional do trabalho, inserida como economia componente- subalterna da cadeia imperialista”. MAZZEO (2021, pág. 19)

Assim, na impossibilidade de emplacar a candidatura de Geraldo Alkmin nas eleições de 2018 (o candidato apresentou pífia relevância no pleito), Bolsonaro se elege com apoio da burguesia nacional. Com a promessa de um Estado enxuto e um governo sem “viés ideológico”, Bolsonaro assume a Presidência da República com sua equipe de “super ministros”, assim apelidados pela mídia burguesa.

Após quase três anos de governo e diante dos impactos perversos do bolsonarismo, o Brasil vivencia a barbárie.

## 2. TRÊS ANOS DE GOVERNO BOLSONARO EM LINHAS GERAIS

Bolsonaro assume a Presidência da República em primeiro de janeiro de 2019, mantendo o tom dos discursos de campanha, afirmando que “O povo começou a se libertar do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto”.

Em uma frase, o presidente que havia prometido um governo “sem viés ideológico” (o que não seria possível, uma vez que não existe neutralidade) deixa claro a ideologia que seguirá e o modelo de política econômica que implementará.

Assim como o processo eleitoral, o governo Bolsonaro já inicia seu governo permeado por polêmicas e crises políticas. Através da criação de polêmicas dia sim e outro também, Bolsonaro se alimenta de manter a mobilização de sua base eleitoral e para tanto, vive em constante campanha eleitoral.

Através de encontros diários com sua base eleitoral no chamado “cercadinho do alvoreada” e de lives semanais em suas redes sociais, o Presidente Bolsonaro mantém sua base inflamada, criando inimigos imaginários e fomentando o caos. A lista de inimigos é constituída pela esquerda, população LGBTQIAP+<sup>11</sup>, as universidades, os professores, a imprensa, a urna eletrônica, o Supremo Tribunal Federal, entre outros.

Esta estratégia de mobilização, garante ao bolsonarismo a fidelidade e o apoio de sua base eleitoral, constituída por quase 30% da população. Dentre este apoio, estão uma base religiosa, atraídas pelo discurso moralizante, em defesa da família e dos valores tradicionais.

---

<sup>11</sup> Lésbicas, gays, travestis, transexuais, queer, intesejo, assexual, pansexual e +, que significa toda a multiplicidade das sexualidades e identidades de gênero possíveis.



Todavia, por trás do discurso moralizante como estratégia de mobilização de suas massas, o governo Bolsonaro mostra a que veio e promove o desmonte das políticas públicas e o aprofundamento de políticas ultraneoliberais, apresentando-se como um verdadeiro representante dos interesses burgueses.

“[...] Bolsonaro apresenta-se como um líder moralizador, expressando, de um lado, o consenso imediato dos interesses da burguesia interna e de outro, o senso comum da moralidade, dos bons costumes e do combate à degradação moral imposta pelos comunistas, alinhando-se às articulações da direita internacional, que delinearam a ofensiva neoliberal em âmbito mundial contra os trabalhadores”. MAZZEO (2021)

O chamado “posto Ipiranga” de Bolsonaro, o Ministro da Economia Paulo Guedes, vem com a missão de promover o total desmonte da Constituição Federal de 1988. Logo após assumir a Presidência da República, Bolsonaro e Paulo Guedes mostram a que vieram e iniciam o aprofundamento da destruição dos direitos trabalhistas e sociais iniciados no governo ilegítimo de Michel Temer e anunciam “É preciso escolher, direitos ou trabalho”.

O governo implementa então, um conjunto de flexibilizações na CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), desonera a folha de pagamento para empresários, institui modalidades mais abrangentes de trabalho intermitente, reduz a multa por rescisão contratual, implanta a carteira de trabalho verde e amarela, onde jovens podem ser contratados sem a maioria dos direitos garantidos na CLT e aprova a contrarreforma da Previdência.

A destruição, não se restringe as Políticas Sociais e aos direitos trabalhistas, Bolsonaro realiza ainda, a liberação de percentuais mais elevados de agrotóxicos na agricultura e corta verbas da Universidade pública e da cultura. SANTOS (2019, pág. 6)

Em meio ao aprofundamento das medidas ultraneoliberais promovidas pelo governo Bolsonaro e a ofensiva ideológica de extrema direita, o Brasil enfrenta uma crise sanitária sem precedentes ocasionadas pela pandemia de covid-19. A condução da caótica do governo Bolsonaro frente a crise sanitária, coloca o país em 5º posição entre os países com mais mortes por milhão<sup>12</sup>.

O negacionismo, o anticientificismo, a omissão, a indiferença que o governo administrou a pandemia produziu a triste marca de quase seiscentos milhões de mortos. A Comissão Parlamentar de Inquérito demonstrou às brasileiras e brasileiros a maneira criminoso como Bolsonaro conduziu a pandemia, e concluiu os trabalhos em 10/2021 indiciando o presidente e outros por diversos crimes contra a nação.<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Ver <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/08/21/em-dois-meses-brasil-vai-da-10a-a-5a-posicao-entre-os-paises-com-mais-mortes-por-milhao-pela-covid-19.ghtml>

<sup>13</sup> A Comissão parlamentar de inquérito indiciou Jair Bolsonaro pelos crimes: Prevaricação, charlatanismo, epidemia com resultado de morte, infração a medidas sanitárias preventivas, emprego irregular de verba pública, incitação ao crime, falsificação de documentos particulares, crimes de responsabilidade (violação do direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decore do



Em março de 2020, logo após a chegada da pandemia de covid-19 no Brasil, quando governadores e prefeitos decretavam as primeiras medidas de contenção ao vírus, que naquele momento eram, basicamente, isolamento social e utilização de máscaras de proteção, Bolsonaro faz um pronunciamento em TV aberta minimizando os efeitos da pandemia, criticando governadores por decretarem a quarentena e questionando o fechamento de Escolas. Bolsonaro defendia a economia em detrimento a vida das brasileiras e brasileiros. Na ocasião, o Presidente definiu a pandemia como uma “gripezinha”<sup>14</sup>

Bolsonaro seguiu fazendo declarações criminosas sobre a pandemia, minimizando seus efeitos e defendendo “imunidade de rebanho”, o isolamento vertical (onde apenas idosos com mais de sessenta anos permaneciam isolados) e a utilização de medicações sem eficácia comprovada.

Atrelado a maneira irresponsável com que conduziu a pandemia, o governo vai implementando medidas de austeridade fiscal<sup>15</sup>, aproveitando o momento em que todos estavam “distraídos” com a covid-19 para “passar a boiada”.

Com o objetivo de garantir a continuidade do processo de acumulação de capital mesmo em meio a pandemia de covid-19, Bolsonaro implementa medidas de socorro ao capital, liberando a suspensão de contratos de trabalho e permitindo a diminuição de salários dos trabalhadores em até 50%, ao mesmo tempo em que injeta R\$ 2,4 trilhões no sistema financeiro. ALENCAR (2020).

O resultado da implementação de medidas ultraneoliberais em meio a uma pandemia que assola o globo, é o aprofundamento da desigualdade social e da miséria, cenário que obriga famílias inteiras a recolher sobras de ossos dos açougues para se alimentar.

Atrelado a conjuntura de barbárie, Bolsonaro segue instaurando o caos, promovendo ataques aos demais poderes e instigando sua base contra o Supremo Tribunal Federal. No dia 07 de setembro de 2021, apoiadores de Bolsonaro foram às ruas na defesa de um golpe de Estado com Bolsonaro no poder.<sup>16</sup> O Presidente, eleito através das urnas eletrônicas por trinta anos, questiona a confiabilidade do sistema eleitoral e defende eleições com voto impresso.<sup>17</sup>

---

cargo), crimes contra a humanidade (nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos). Ver [www12.senado.leg.br](http://www12.senado.leg.br).

<sup>14</sup> Consultar <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>.

<sup>15</sup> Através de pressão e com a proposta da oposição, o governo Bolsonaro decretou o auxílio emergencial no valor de R\$ 600,00, que foi diminuído para R\$ 300,00 posteriormente.

<sup>16</sup> Ver <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/o-que-foi-o-7-de-setembro-bolsonarista-cientistas-politicos-apontam-intencoes-do-ato-e-suas-consequencias.shtml>

<sup>17</sup> Em 11/2021, Bolsonaro declara a apoiadores em evento realizado no Paraná, que passou a acreditar na urna eletrônica e o assunto está encerrado. Ver <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2021/11/05/passamos-a-acreditar-no-voto-eletronico-diz-bolsonaro-em-evento-no-parana.ghtml>



O governo Bolsonaro é um conjunto de moralismo, reacionarismo, liberalismo, fundamentalismo religioso, militarismo e autoritarismo. Compreender o governo Bolsonaro requer compreender que o ascenso da extrema direita no Brasil não é fruto do acaso e nem é parte de um fenômeno isolado, é produto do modo de sociabilidade burguesa, das contradições do sistema capitalista e está relacionado com a conjuntura mundial.

Os prejuízos ocasionados por esse governo ao povo brasileiro são inúmeros. Será possível reconstruir os mínimos avanços civilizatórios conquistados até janeiro/2019 nos moldes da sociabilidade burguesa?

É preciso buscar estratégias de superação deste período sombrio da história do Brasil, para tanto, é preciso saber com o que estamos lidando. Como podemos definir o governo Bolsonaro? Alguns estudiosos definem como conservador, reacionário, profascista, fascista. Aqui, com base nos estudos de Antônio Carlos Mazzeo e Michel Lowy, acreditamos que o governo Bolsonaro pode ser definido como neofascista. Nas próximas linhas detalharemos melhor nosso posicionamento.

### **3. O NEOFASCISMO DO GOVERNO BOLSONARO.**

Após 28 anos atuando no Congresso Nacional como um Deputado Federal irrelevante, com apenas dois projetos aprovados durante todo o período, Bolsonaro é eleito presidente da República.

O capitão reformado, que quase sempre era transformado em piada por suas falas absurdas e polêmicas, partícipe assíduo de Programas de televisão de humor e programas de auditório, torna-se influente na política brasileira a ponto de ser eleito para o maior cargo do executivo. Mas como isso é possível?

O ascenso do ideário reacionário que possibilitou a eleição de um líder como Bolsonaro não é uma especificidade do cenário Brasileiro. Nos últimos anos, diversos países vêm compartilhando deste processo, elegendo governos de extrema direita, autoritários e reacionários. Uma situação bastante parecida com a do Brasil é a eleição de Trump, nos EUA, que embora tenha perdido as últimas eleições, permanece como uma liderança política importante no país.

No Brasil, a ascensão de Bolsonaro e a emergência do Bolsonarismo é produto do desgaste dos partidos tradicionais da política brasileira, assim, a extrema direita surge como *outsider* e antissistêmica, através de seu líder carismático.

A eleição de Bolsonaro traz consigo um fenômeno novo à política brasileira, o bolsonarismo, assim como, ressurgem mobilizações de uma extrema direita reacionária, que até então ocupava um lugar irrelevante no cenário brasileiro.



“Chamamos de bolsonarismo a um tipo de comportamento político surgido nos últimos anos, ao qual se vinculam pessoas ou grupo de pessoas que se organizam ou apenas de mobilizam em torno de ideias como antipetismo e o anticomunismo, o vitimismo e o pânico moral, a mobilização política e o culto da violência, o neoliberalismo e o ataque aos direitos dos trabalhadores e a tudo o que se relaciona ao Estado de bem estar social oriundo de políticas públicas e de inclusão praticadas pontualmente desde a constituição de 1988” JÚNIOR (2019, pág. 5)

A turbulenta conjuntura tem sido campo de estudos para diversos intelectuais. Desvendar o processo histórico, o pano de fundo que possibilitou o ascenso de Bolsonaro é de extrema importância na busca de caminhos de superação da barbárie. Nesse sentido, surgem diversas interpretações da conjuntura e muitas visões em relação a qual espectro Jair Bolsonaro pertence.

BARROCO (2015) compreende que o Brasil está passando por uma ofensiva neoconservadora, fruto do neoliberalismo e das tensões sociais ocasionadas por ele e da atuação da mídia burguesa.

A autora define como neoconservadorismo o conservadorismo reatualizado, com uma nova roupagem, decorrente das transformações sociais advindas da implementação do neoliberalismo.

“Para enfrentar ideologicamente as tensões sociais decorrentes da ofensiva neoliberal, no contexto da crise mundial do capitalismo dos anos 1970, o conservadorismo se reatualizou, incorporando princípios econômicos do neoliberalismo, sem abrir mão do seu ideário e do seu modo específico de compreender a realidade. O neoconservadorismo apresenta-se então, como forma dominante de apologia conservadora da ordem capitalista, combatendo o Estado social e os direitos sociais, almejando uma sociedade sem restrições de mercado, reservando ao Estado a função coercitiva de reprimir violentamente todas as formas de contestação à ordem social e aos costumes tradicionais.” BARROCO (2015, pág. 624-625)

Assim, o neoconservador pode ser definido como o conservador nos costumes e liberal na economia. Nesta perspectiva, a moral desempenha um papel fundamental no neoconservadorismo, logo, o apelo à ordem executa uma dupla função, controle e defesa da “moral e dos bons costumes” e na moralização das expressões da questão social, ao tratá-las como questões de ordem moral e não como resultados de uma determinada forma de sociabilidade.

No Brasil, a disseminação dos apelos à ordem torna-se mais evidente a partir da implementação do neoliberalismo, na década de 1990. O combo constituído pelos efeitos da crise estrutural do capital da década de 1990 e a implementação do neoliberalismo, degrada a condições de vida da classe trabalhadora, criando bases concretas para a reprodução e sustentação de da barbárie, manifestada em ideias, valores e comportamentos. (BARROCO,2015, pág. 626).

A mídia burguesa também contribui para a construção desse ideário, com a exibição de programas policiais e sensacionalistas que escolhem a dedo os crimes cometidos por pretos,



pobres e jovens, reforçando os apelos por ordem e repressão. As novelas exibidas por essas mídias também apresentam de maneira muito bem definida quem são os bons, e são sempre os brancos e ricos e quem são os maus, que são sempre os pretos e pobres.

A crise gera tensão e as tensões são enfrentadas pelo Estado através da implementação de políticas sociais compensatórias e da repressão armada aos que insurgem a ordem. É militarização da vida social, mais um elemento do neoconservadorismo. O resultado, é o encarceramento em massa de pretos e pobres, quando não, o assassinato de populações faveladas pelas mãos do braço armado do Estado.

Neste cenário, BARROCO (2015) aponta o surgimento de uma ofensiva direitista que adota como estratégia um combate ideológico ao bloco que implementou mínimos direitos sociais e conquistas civilizatórias. A esquerda, o PT e uma pseudo ameaça comunista passam a ser inimigos que devem ser combatidos.

O ascenso do ideário conservador e reacionário não é uma especificidade do cenário Brasileiro, trata-se de uma tendencia planetária. Nos últimos anos, diversos países vêm compartilhando deste processo, elegendo governos de extrema direita, autoritários e reacionários. Uma situação bastante parecida com a do Brasil é a eleição de Trump, nos EUA, que embora tenha perdido as últimas eleições, permanece como uma liderança política importante no país.

LOWY (2019) aponta como inapropriado definir a conjuntura como “conservadora”, pois, “não se trata de uma corrente conservadora, no sentido de tradicionalista, nostálgica do passado, mas de um autoritarismo violento, moderno, geralmente, neoliberal.” O autor define a atual conjuntura como neofascismo. O mesmo adverte que o neofascismo não consiste na repetição do fascismo, é pois, um fenômeno novo, com características do século 21. Ao contrário do fascismo clássico, o neofascismo não assume a forma de ditadura policial e respeita algumas formas democráticas, tratando de limitar ao máximo as liberdades democráticas através de medidas autoritárias e repressivas.

LOWY (2021) afirma que não é possível comparar a conjuntura com o fascismo clássico porque existem semelhanças, mas também existem particularidades importantes que devem ser consideradas na análise.



Fascismo clássico	Neofascismo
<ul style="list-style-type: none"><li>✓ Ultracionalismo;</li><li>✓ Ódio aos imigrantes;</li><li>✓ Caça a um bode expiatório (culpado por todos os problemas da nação);</li><li>✓ Culto ao chefe;</li><li>✓ Autoritarismo e saudosismo ditatorial;</li><li>✓ Ódio à esquerda</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>× Não possui Estado totalitário;</li><li>× Política econômica neoliberal;</li><li>× Não é resposta à movimentos revolucionários;</li><li>× Não se apoia em grupos paramilitares;</li><li>× Fundamentalismo religioso: a religião como um aspecto importante.</li></ul>

O autor levanta alguns aspectos que podem ser apontados como disparadores do neofascismo no mundo capitalista. A globalização, é um desses fatores, à medida que produz um processo brutal de homogeneização cultural, produzindo em escala mundial um “pânico identitário”, ocasionando manifestações nacionalistas e/ou religiosas, o que favorece conflitos étnicos confessionais. Lowy aponta que, quanto mais se perde o poder econômico resultante da globalização, mais se enaltece a nação “Brasil acima de tudo”.

Outro fator é a crise estrutural do capital de 2008 e seus rebatimentos para as populações: depressão econômica, desemprego, marginalização. Lowy (2019) afirma que esses dois processos aprofundam desigualdades e injustiças sociais, no entanto, são insuficientes para explicar a ascensão do neofascismo enquanto fenômeno planetário, sendo suficientes apenas para compreensão do cenário brasileiro e estadunidense, com a eleição de Bolsonaro e Trump.

Para Lowy, Bolsonaro pode ser definido como neofascista uma vez que possui diversos aspectos que se assemelham com a “vaga planetária marrom”<sup>18</sup>, no entanto, em relação ao cenário europeu, o autor elenca algumas especificidades do cenário brasileiro:

- × Ao contrário dos países europeus o governo Bolsonaro tem pouca ou nenhuma relação com correntes fascistas do passado. (No caso do Brasil, o movimento integralista, da década de 1930);

<sup>18</sup> Forma como Lowy (2019) define a conjuntura planetária em alusão a cor da camisa das milícias nazistas nos anos 1930.



- ✘ Diferentemente da extrema direita europeia, o racismo não é a principal bandeira de Bolsonaro, não é tema central de sua atuação política, embora muitas de suas declarações tenham teor racista;
- ✘ O combate à corrupção é tema marginal no discurso da extrema direita europeia, no Brasil, Bolsonaro venceu a corrida eleitoral manipulando o sentimento de indignação da população contra a corrupção e se vendendo como antissistêmico e anticorrupção;
- ✘ O ódio a esquerda, muito presente no discurso de Bolsonaro, não é um tema importante para a extrema direita europeia;
- ✘ Diferentemente da extrema direita europeia, Bolsonaro propõe um programa econômico ultraneoliberal, com mais globalização, mais mercado, mais privatizações e um completo alinhamento com o império norte-americano;
- ✘ O papel essencial que as igrejas neopentecostais possuem no governo Bolsonaro, diferente do papel limitado que ocupam na extrema direita europeia.

No entanto, o governo Bolsonaro não apresenta apenas divergências, possui também algumas semelhanças com a onda neofascista planetária e é por este motivo que pode ser definido como neofascista:

- ✓ A ideologia repressiva;
- ✓ O culto a violência policial;
- ✓ A defesa a pena de morte e o armamento da população como estratégia para proteção à criminalidade;
- ✓ Intolerância as minorias sexuais em particular aos homossexuais;

CHAUÍ apud LOWY afirma que, através da “acusação” de “marxismo cultural”, Bolsonaro e seus seguidores perseguem todas as formas de pensamento crítico e dividem a sociedade em dois blocos: Os cidadãos e bem, que são aqueles que os apoiam e os diabólicos, que são aqueles que os contestam, por isso, pretendem promover uma limpeza ideológica, social e política e para tanto, desenvolvem uma teoria da conspiração que afirma que há uma ameaça comunista, liderada por intelectuais e artistas de esquerda. Ser comunista se torna a maior das imoralidades e é atribuída a qualquer um que apresente divergências em relação ao pensamento da extrema direita. Nesse sentido, qualquer partido ou organização de direita, centro esquerda e esquerda, torna-se automaticamente comunista.

LOWY aponta para a necessidade de construção de amplas frentes de resistências anti fascistas para enfrentamento a onda da “peste marrom”, no entanto, atenta para o fato de que



o capitalismo, sobretudo nos períodos de crise produz e reproduz fenômenos como o fascismo, o racismo, os golpes de Estado e as ditaduras militares. A raiz desses fenômenos é sistêmica, sendo assim, o combate ao neofascismo perpassa o rompimento com a sociabilidade burguesa.

#### 4. À GUIA DA CONCLUSÃO

Aprofundamento das desigualdades, miséria, fome, violência. Em 2021, o cenário brasileiro é de barbárie e caos. Juntamente com todas essas questões, o país vivencia uma pandemia de covid-19 que já ceifou mais de seiscentas mil vidas.

A combinação de políticas de austeridade, governo de extrema direita e pandemia global aprofunda contradições que não era exatamente novas na vida do povo brasileiro.

A eleição de Bolsonaro não é um fenômeno descolado da realidade social e nem é fruto do mero acaso. É resultado de um conjunto de determinações, do modo de sociabilidade burguesa e da implementação do neoliberalismo no Brasil, que traz consigo o fascismo enquanto expressão ideológica.

Assim, o governo Bolsonaro está relacionado a um fenômeno global e é resultado do modo de sociabilidade burguesa, isso porque, o próprio capitalismo produz o fascismo em períodos de crise. E a crise é *modus operandi* dessa forma de sociabilidade.

Não há como refletir sobre o governo Bolsonaro sem considerar essas questões, logo, não existe pensar em formas de superação da onda marrom no Brasil, que não perpassa o rompimento com o modelo de sociabilidade burguesa.

É preciso desconstruir o discurso da esquerda institucional e partidária, que defende a superação do bolsonarismo através única e exclusivamente das vias eleitorais nos moldes da democracia burguesa. Bolsonaro é apenas o sujeito, produto do bolsonarismo que é resultante do neofascismo que surge como resposta ideológica ao neoliberalismo. A análise deve ser mais profunda, pois o caminho para a destruição da ideologia que sustenta a extrema direita no poder é necessariamente revolucionário.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa. **O projeto ético político do Serviço Social brasileiro: Ruptura com o conservadorismo.** São Paulo: Cortez. 2019.



ALENCAR, Osmar, G. **Crise Global e a necropolítica do governo Bolsonaro em tempos de pandemia.** Revista Unisinos. [v. 56 n. 3 \(2020\): Setembro/Dezembro.](#)

BARROCO, Maria Lúcia S. **Não Passarão! Ofensiva neoconservadora e Serviço Social.** Serviço Social e sociedade., São Paulo, n. 124, pag. 623-636. 2015

JUNIOR, Carlos Zacarias de Sena. **Significado e a natureza do governo Bolsonaro e perspectivas de esquerda.** Disponível em: <https://marxismo21.org/o-governo-bolsonaro-e-perspectivas-de-esquerda/>. Acesso em 11/2021.

LOWY, Michel. **Dois anos de desgoverno – a ascensão do neofascismo.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606674-dois-anos-de-desgoverno-a-ascensao-do-neofascismo-artigo-de-michael-loewy>. Acesso em 11/2021.

LOWY. **Palestra de abertura VI Jornada nordeste de Serviço Social.** Disponível em: [PALESTRA DE ABERTURA VI JNSS MICHAEL LÖWY E CARMELITA YAZBEK - YouTube.](#) Acesso em: 11/2021.

MAZZEO, Antônio Carlos. **Neofascismo: Expressão ideológica da crise sistêmico-estrutural do tardio capitalismo- reflexões preliminares.**

SANTOS, Agnaldo dos. **A natureza regressiva do governo Bolsonaro.** Coletânea O governo Bolsonaro e perspectivas de esquerda. Disponível em: <https://marxismo21.org/o-governo-bolsonaro-e-perspectivas-de-esquerda/>. Acesso em 11/2021.

SOLANO, Ester. **O lavajatismo é maior que a lava jato. E sobreviverá.** 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/o-lavajatismo-e-maior-do-que-a-lava-jato-e-sobrevivera/>. Acesso em: 11/2021.